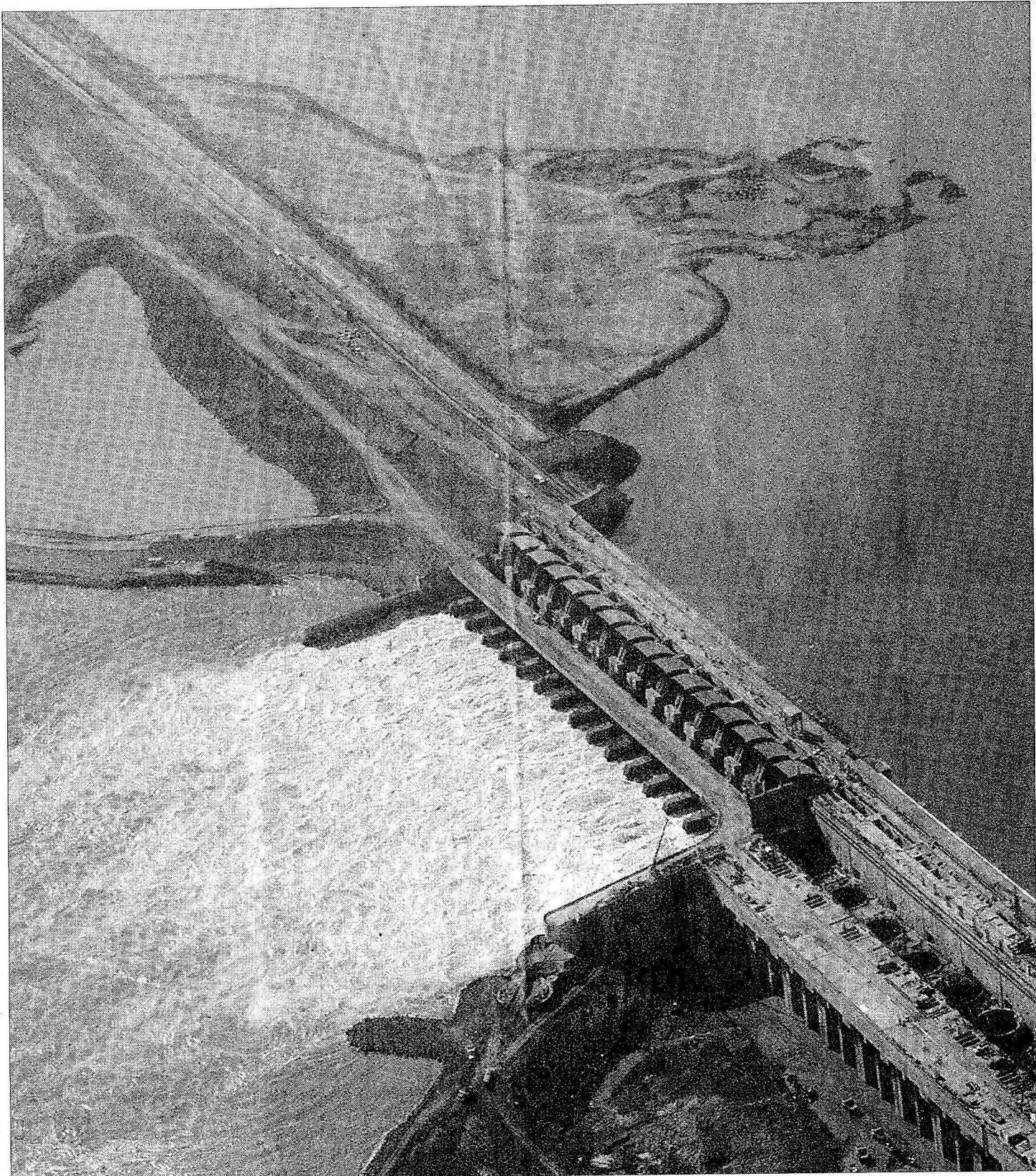




Reajuste das tarifas de energia elétrica, previsto para 2003, é um ponto que ainda preocupa a equipe econômica do atual governo

# Investidores pretendem ficar no Brasil

*Nas últimas semanas, estrangeiros visitaram o Ministério da Fazenda à procura de informações*

**B**RASÍLIA – Nas últimas semanas, circularam pelo Ministério da Fazenda grupos de investidores conduzidos pelo Deutsche Bank, pelo Crédit Suisse e pelo Citibank, entre outros. “Eles perguntam muito, sobre tudo”, resumiu um dos técnicos encarregados de recebê-los. As perguntas vão desde as condições de o País continuar honrando sua dívida até quem será o ministro da Fazenda de José Serra ou de Luiz Inácio Lula da Silva.

Para os assessores diretos do ministro da Fazenda, Pedro Malan, as visitas são um bom sinal em meio ao quadro de nervosismo e desconfiança no Brasil. Eles vêm nessas visitas uma indicação de que esses investidores pretendem ficar no Brasil ou, visto por outro ângulo, que não foi tomada a decisão de deixar o País. Do contrário, não perderiam seu tempo vindo até aqui.

Mais do que isso, alguns integrantes da equipe econômica que participaram das rodadas de reunião na Europa e na Ásia saíram com uma impressão “quase palpável” que há uma discreta torcida pelo País. “É como se eles pedis-

sem: ‘dêem-nos uma informação, um compromisso, alguma coisa para que possamos continuar investindo’”, descreveu um deles. Segundo outro técnico, os investidores querem ficar, e isso ficou muito claro.

**Argentina** – “Embora queiram permanecer por aqui, esses investidores são muito exigentes”, revelou um interlocutor dos investidores. “A surra que tomaram na Argentina os deixou muito mais conservadores.” Por isso, esse funcionário do governo acredita que o futuro presidente terá, logo ao assumir, uma estreita janela de oportunidade à sua frente. Se rapidamente convencer a comunidade internacional de sua intenção de manter políticas econômicas saudáveis, poderá reverter o mau humor do mercado em pouco tempo. “Será um momento decisivo:

ou o País passa para a maturidade, ou volta para a adolescência”, avaliou.

O caminho para voltar à adolescência, no caso, seria adotar o discurso ideológico contra o capital estrangeiro.

ro. “Não podemos nos dar a esse luxo porque, até ter um mercado de capitais desenvolvido, o Brasil precisará de ingressos de recursos estrangeiros da ordem de US\$ 50 bilhões anuais para financiar o setor privado”, disse.

A seu favor, o Brasil conta

com a “impressionante” virada nas contas externas, puxada pelo desempenho da balança comercial. O Banco Central reviu suas projeções nesta semana, e acredita que o Brasil conseguirá um superávit de US\$ 9 bilhões em suas transações comerciais. A estimativa de déficit em transações correntes foi cortada de US\$ 17 bilhões para US\$ 14 bilhões neste ano. O desempenho das contas externas é, na avaliação dos técnicos, o mais importante elemento na reversão das expectativas sobre o futuro do País.

Um técnico avalia que os investidores estrangeiros ficam no Brasil, também, porque têm poucas opções, entre as economias emergentes, para fazer seus investimentos. Uma economia modernizada como a brasileira é vista como uma boa oportunidade, até porque passa por uma crise que a obriga a manter taxas de juros elevadas.

O centro das preocupações dos investidores estrangeiros é a possibilidade de o País continuar honrando seus compromissos internos e externos. “Normalmente, eles não conhecem muito sobre a dívida interna e se mostram satisfeitos com nossas explicações”, disse um técnico.

O governo brasileiro sustenta que o estoque da dívida tende a cair no médio e longo prazos, preservada a disciplina

fiscal e se forem mantidas condições “plausíveis” na economia. Por isso, alguns investidores cobram mais aperto nos gastos do governo, como forma de reforçar o controle sobre a dívida. Essa mesma advertência foi feita pelo economista-chefe do Fundo Monetário Internacional (FMI), Kenneth Rogoff, na quarta-feira.

**HÁ UMA  
DISCRETA  
TORCIDA  
PELO PAÍS**

Por essa razão, os técnicos acham que dificilmente o futuro presidente da República escapará de discutir, com o FMI, um aprofundamento no aperto das contas públicas.

cas em 2003. A meta definida no atual acordo é um valor equivalente a 3,75% do Produto Interno Bruto (PIB), contra 3,88% neste ano. Essa discussão poderá ocorrer ainda em novembro, quando o atual acordo passar por sua primeira revisão e os assessores do futuro presidente já terão tido acesso a todos os números e informações do governo.

Outro ponto que tem preocupado a equipe econômica é o reajuste das tarifas de energia elétrica. Por iniciativa do ministro Pedro Malan, o governo analisa os critérios que serão aplicados em 2003, quando as tarifas devem variar conforme a necessidade para manter o equilíbrio econômico-financeiro das empresas distribuidoras, parte delas estrangeiras. (L.A.O.)

**TÉCNICOS  
DIZEM QUE  
VISITAS SÃO  
UM BOM SINAL**